

Evandro Teixeira trabalha como fotojornalista no Jornal do Brasil desde 1963. Suas fotografias viram ícones, marcam uma época. Muitos documentaram os anos duros da ditadura, mas as imagens de Evandro são as primeiras que vêm à lembrança quando se fala no assunto. A fotografia dele é carregada de criatividade e conteúdo informativo. A obra de Teixeira está nos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, MASP, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Museu de Belas Artes de Zurique, na Suíça, e Museu de Arte Moderna La Tertulia, em Cali, Colômbia. Já expôs em Paris, Frankfurt, Zurique, Madri, Veneza, Basel, Nova Iorque, Cuba, México, Buenos Aires, Bogotá e Alemanha. Com livros publicados, reconhecimento internacional, Evandro tinha tudo para se deixar levar pela fama, mas continua simples e modesto como o menino que saiu do interior da Bahia para o Rio de Janeiro, há mais de 50 anos, para tentar a vida e acabou se transformando num dos nomes mais importantes da fotografia e da cultura brasileira. Depois de trocas de e-mail Evandro Teixeira decide que daria a entrevista por telefone e pede o meu número. Mando o número e falo que estaria em casa a partir das 16 horas. Domingo, 11 de novembro de 2007, toca o telefone exatamente às 16 horas. Preciso como todo bom repórter fotográfico, era Evandro Teixeira do outro lado da linha, direto da redação do Jornal do Brasil, onde estava se preparando para ir fotografar o jogo Flamengo e Santos, pelo campeonato brasileiro, que aconteceria às 18h10 no Maracanã. Conversamos durante 40 minutos.

Interin - Você acompanhou várias fases do fotojornalismo no Brasil desde o final dos anos cinquenta até agora. Como foi essa trajetória?

Evandro Teixeira - Os anos 1970\80\90 eu acho que foram uma época muito interessante. O Jornal do Brasil valorizava muito a fotografia. Tinha grandes repórteres fotográficos. Foi a maior escola de fotojornalismo do Brasil. Aquela era também uma época difícil em termos de equipamentos. Eu comecei com a Rolleiflex, nos anos 60. Depois apareceu a Leica e mais tarde a Nikon F, com teleobjetivas. O grande problema era quando das viagens e tinha que levar um baú com o laboratório que era montado no banheiro do hotel. A gente levava pano preto para vedar o ambiente. Tinha que ter álcool para secar o filme. Uma trabalhadeira danada. Isto tudo seria impossível nos dias de hoje, numa viagem internacional, por exemplo. Como poderíamos entrar nos EUA com toda essa parafernália? Seríamos barrados nos aeroportos, com aquela quantidade de químicos.

E ainda tinha a mala da UPI para transmissão das fotografias que chegavam a durar 20 minutos na transmissão de uma foto colorida e sete minutos para transmitir uma fotografia em preto-e-branco. Teve um momento intermediário entre o analógico e o digital, quando a gente fotografava com filme colorido, revelava o filme e escaneava para poder enviar as fotos via e-mail. Isso tudo acabou com a tecnologia digital, a partir do final dos anos 90. É uma mão na roda pra gente. Facilitou muito esse trabalho na rotina diária do fotojornalismo. Ganhamos em velocidade e hoje o tempo é muito importante. Antigamente os jornais fechavam meia-noite. Hoje, às nove horas, já está tudo pronto.

Só para ter uma idéia do tempo que ganhamos, na Olimpíada de Sidney fui fotografar uma competição do Tob Grael, no meio do mar. Levei mais de duas horas de viagem na lancha da competição e mais outro tempo para chegar à Central de Imprensa, onde a Kodak revelava o material de todos os profissionais, e isto levou umas cinco horas. No total deu umas oito horas até eu enviar as fotos para o Brasil. Quatro anos depois, na Grécia, o mesmo trabalho durou as duas horas na lancha da competição e mais uma meia hora para enviar as fotografias. Ganhei cinco, seis horas, que num trabalho como este é muita coisa.

Para o fotojornalismo a tecnologia digital é muito importante. É imprescindível. É uma mão na roda para gente. Agora ainda fotografo com minhas Leicas e com filme. As galerias internacionais e os museus (e eu tenho exposto muito fora do país) ainda não aceitam fotografias digitais, querem as analógicas com papel fotográfico, mesmo que já tenham impressoras digitais fine art com qualidade excepcional.

Interin - Como foram, para o fotojornalismo, as reformas gráficas do Jornal do Brasil?

Evandro Teixeira - Muito importantes para o jornalismo como um todo. Como já disse o JB foi uma grande escola para o fotojornalismo e suas mudanças gráficas marcaram o jornalismo brasileiro, sempre dando um grande espaço para a fotografia, para os ensaios fotográficos.

Interin - Como você acha que a economia da comunicação (no sentido comercial, com a ocupação de grandes espaços no jornal pela propaganda, e no sentido de corte de recursos financeiros) interfere na rotina diária do fotojornalismo? Evandro Teixeira - Isso é um absurdo. Cada dia diminui o espaço. Antes você trazia uma idéia e realizava uma reportagem que era publicada, agora está muito difícil. Acabou o ensaio fotográfico. Agora é tudo uma questão de tempo, quanto mais cedo chegar à redação, mais espaço você vai ganhar. Se chegar tarde, mesmo que seja com um grande trabalho, não tem mais espaço. Será tarde.

Interin - Você que já fotografou várias Copas do Mundo, Olimpíadas e tantos eventos esportivos, como vê o entusiasmo de alguns com as câmeras que podem fotografar sozinhas de um campo de futebol, por exemplo, sendo controladas direto da redação?

Evandro Teixeira - Não acredito que vão ocupar o lugar do Fotojornalista. São recursos secundários que podem e devem ajudar no trabalho. Não tenho nada contra, se for para dar agilidade no trabalho diário. O ser humano será sempre imprescindível num trabalho de criação. Deixar de estar no local onde o fato acontece seria o fim do fotojornalismo. Aí seria uma outra coisa.

Interin - Como foi a sua participação na mostra em Nova Iorque, em 2007, na Galeria Leica, ao lado de Cartier-Bresson, Robert Capa, Marc Riboud?

Evandro Teixeira - Uma coisa inusitada. Fiquei muito emocionado. No

release da Leica falava que era uma exposição com os 40 maiores fotógrafos do mundo. Do Brasil eram só eu e o Sebastião Salgado. Foi muito bom estar ao lado de tantos fotógrafos consagrados como o Bresson, o Capa e o Salgado, que é meu amigo.

Interin - E a individual na Galeria Leica, também em 2007, na Alemanha?

Evandro Teixeira - Também foi muito bom. Foi uma exposição muito vista. Depois fiz uma em Lugano da Suíça, onde compraram duas coleções. Isso é muito importante para mim e para a fotografia brasileira.

Interin - Você publicou o primeiro livro em 1982, Evandro Teixeira - Fotojornalismo (com uma segunda edição ampliada em 1988), e o segundo, Canudos 100 anos, somente em 1997. Por que esse vácuo de 15 anos? Mesmo para um fotógrafo famoso como você é difícil o mercado editorial no Brasil?

Evandro Teixeira - Pois é, o nosso mercado editorial ainda é muito precário na área da fotografia. Faltam patrocínios. O Sebastião Salgado sempre diz pra mim que quer "voltar para o Brasil, mas vou ganhar dinheiro como?". Agora eu venho fazendo um livro com dificuldade, do projeto "68: Destinos" (<http://www.evandroteixeira.net/68destinos>), que terminou virando 100, por causa da passeata dos 100 mil e que será lançado no ano que vem em comemoração aos 40 anos do movimento de 1968.

Interin - O livro-reportagem pode ser um caminho para o fotojornalismo do futuro?

Evandro Teixeira - Sempre será mais um meio de podermos publicar o nosso trabalho. "Canudos 100 anos" já é uma mostra de que isso é possível.

Interin - Em 2006, numa entrevista para o site www.photos.com.br, você diz que, aqui no Brasil, falta empenho dos profissionais na organização da categoria, comparando com a organização dos chilenos, para onde você tinha ido, como convidado para um evento. Isso ainda continua?

Evandro Teixeira - Nossa categoria continua muito desunida. Não sei o que acontece. Acho que tem muito individualismo. Falta ainda um profissionalismo na área sindical e associativa que poderia nos trazer grandes benefícios, principalmente na organização de eventos culturais ligados ao fotojornalismo.

Interin - Qual a importância que as Agências Independentes de Fotografia tiveram, ou ainda têm, no fotojornalismo brasileiro?

Evandro Teixeira - Foram muito importantes. Mesmo as que sobreviveram ainda são importantes.

Interin - Nas minhas pesquisas observei que um dos problemas na rotina diária é a edição, o fotógrafo ainda tem uma distância muito grande da decisão final sobre sua fotografia. Como você vê essa questão?

Evandro Teixeira - Esta é uma grande verdade. Mesmo no Jornal do Brasil temos muitos problemas com a edição de nossa produção diária. É um eterno problema.

por Alberto Melo Viana, Fotógrafo e Jornalista desde 1976. Mestrando do PPGCOMUTP.